

Coerência textual

○ Glícia M. Azevedo de M. Tinoco



Governo Federal
Ministério da Educação

Projeto Gráfico

Secretaria de Educação a Distância – SEDIS

EQUIPE SEDIS | UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE – UFRN

Coordenadora da Produção dos Materiais

Vera Lucia do Amaral

Coordenador de Edição

Ary Sergio Braga Olinisky

Coordenadora de Revisão

Giovana Paiva de Oliveira

Design Gráfico

Ivana Lima

Diagramação

Elizabeth da Silva Ferreira

Ivana Lima

José Antonio Bezerra Junior

Mariana Araújo de Brito

Arte e ilustração

Adauto Harley

Carolina Costa

Heinkel Huguenin

Leonardo dos Santos Feitoza

Revisão Tipográfica

Adriana Rodrigues Gomes

Margareth Pereira Dias

Nouraide Queiroz

Design Instrucional

Janio Gustavo Barbosa

Jeremias Alves de Araújo Silva

José Correia Torres Neto

Luciane Almeida Mascarenhas de Andrade

Revisão de Linguagem


Maria Aparecida da S. Fernandes Trindade

Revisão das Normas da ABNT

Verônica Pinheiro da Silva

Adaptação para o Módulo Matemático

Joacy Guilherme de Almeida Ferreira Filho



**Você verá
por aqui...**

O conceito de coerência textual e seus principais fatores serão nosso objeto de estudo na aula 3. Esses elementos são importantes para o desenvolvimento das capacidades de leitura e de escrita de textos de diferentes gêneros. Veremos que a coerência textual estabelece a continuidade entre as partes de um texto. É exatamente isso que nos faz entender um texto como uma unidade de sentido.

- Conhecer os fatores de coerência textual e identificá-los em textos de diversos gêneros.
- Compreender a contribuição dos fatores de coerência textual para o desenvolvimento das capacidades leitoras e produtoras de texto.
- Aplicar conhecimentos da área de coerência textual de modo a estabelecer uma unidade de sentido entre as partes de um texto e produzir textos em diferentes gêneros.

Objetivos

Para começo de conversa...

Ler e escrever textos em diferentes gêneros e de forma proficiente é uma prática social exigida nas múltiplas atividades que desenvolvemos ao longo de nossas vidas. Em casa, na igreja, no comércio, no local de trabalho, na escola, em situações formais (em que se leem e se produzem documentos) e em situações informais (em que se trocam textos entre amigos e parentes), presencial ou virtualmente, lemos e escrevemos. Contínua e cotidianamente.

Por estarmos mergulhados em um “mundo da escrita”, temos de desenvolver práticas cada vez mais refinadas e, em todas elas, nossos interlocutores esperam de nós a devida **coerência**.

Vejamos o caso de uma placa à frente de determinado estabelecimento comercial.



Fonte: <www.fotocomedia.com.br>. **Acesso em:** 23 mar. 2009.

Faz sentido afirmar que o estabelecimento está aberto **todos os dias** se há um dia na semana (precisamente, às terças-feiras) em que ele permanece fechado? Não. Isso configura uma incoerência textual.

Para não cairmos nesse problema, estudaremos sobre **coerência textual**. Os conceitos de coesão (aula 2) e coerência textuais podem nos ajudar a desenvolver as capacidades leitoras e produtoras de textos das quais precisamos para agir como cidadãos autônomos, isto é, cidadãos capazes de responder às demandas sociais de leitura e de escrita.

Coerência textual

A coerência e a coesão contribuem para conferir textualidade aos enunciados. A primeira se manifesta, em grande parte, no nível macrotextual. Coerência é, pois, o resultado da possibilidade de se estabelecer alguma forma de unidade ou relação de sentido(s) entre os elementos do texto, como um todo. Assim, podemos afirmar que a coerência é global. Já a coesão, conforme visto na aula 2, é local. Manifestando-se no nível microtextual, ela se refere ao modo como os vocábulos se ligam dentro de uma sequência.

É importante lembrar que a coesão pode auxiliar no estabelecimento da coerência, embora nem sempre a coesão se manifeste explicitamente através de marcas linguísticas.

Isso nos faz concluir que pode haver textos coerentes mesmo que não tenham coesão explícita. Por outro lado, podem existir textos coesos que apresentem problemas de coerência. Vejamos, a seguir, um exemplo de cada caso mencionado.

Exemplo 1



Fonte: <www.placasridiculas.com.br>. Acesso em: 23 mar. 2009.

Ao nos depararmos com essa imagem, as primeiras indagações que nos vêm à mente são: isso é um texto? Isso faz algum sentido?

A tentativa de estabelecer um sentido para o que lemos representa o nosso esforço em perceber se há **coerência** naquilo que se nos apresenta como um texto. Isso se justifica por ser a coerência um princípio de interpretabilidade.

De fato, o exemplo 1 nos oferece um texto. Trata-se, especificamente, de uma lista de preços de cigarros. Suas características físicas (papel, letra, recorte) nos levam a crer que essa lista se encontra em uma pequena mercearia de bairro (uma bodega).

Organizada em duas colunas, essa lista apresenta os nomes das marcas de cigarro à esquerda e os preços ao consumidor à direita. Embora haja alguns problemas na grafia das marcas (por exemplo: *Free* = “fri”; *Hollywood* = “oliud”) e não existam elementos coesivos explícitos, a organização desse texto permite ao leitor a atribuição de um sentido possível a ele. Logo, ele tem coerência.

A textualidade, ou seja, as qualidades que me fazem compreender uma configuração verbal e/ou não-verbal como um texto, não depende, de modo geral, da correção sintático-ortográfica da língua, mas das possibilidades de sentido que o leitor pode efetivamente construir a partir de tal configuração.

Assim, não importam quantos problemas ortográficos o texto do exemplo 1 apresenta. Ele produzirá os efeitos desejados: compra e venda de cigarros, desde que haja um vendedor, um comprador e o produto desejado.

Aliás, em uma leitura crítica, poderíamos até afirmar que o fato de essa lista de preços ter extrapolado o ambiente da bodega e estar disponível em um site cujo título é “placas ridículas” faz com que esse texto seja instrumento de circulação de um preconceito arraigado socialmente: cometer erros ortográficos significa ser “analfabeto”. E isso é motivo de ridicularização. Seria justa essa assertiva?

Observe que, do ponto de vista do dono da bodega, a função social dessa lista de preços é a de vender cigarros e ele consegue atingir seu objetivo mesmo que tenha cometido alguns deslizes ortográficos. Sem dúvida, o produtor desse texto articulou conhecimentos para escrever essa lista. Ele não é “analfabeto”. Aliás, corrigir os problemas de natureza ortográfica é, nesse caso, algo bem simples de se fazer. Basta observar com mais cuidado os rótulos dos produtos anunciados.

Exemplo 2

Autobiografia

Meu nome é João Reinaldo de Lira. Nasci no ano de 1974, tenho 35 anos e um metro e setenta e cinco de altura. Tenho, porém, os olhos castanhos e calço 42. Já que sou católico, logo posso ser protestante. Sou gordo, tenho 108 quilos, a qual é um peso alto. Sou tímido, gosto de estudar. Quanto mais estudo mais gosto. A minha infância, no entanto, foi super legal, brinquei muito com os meus amigos. Assim, espero logo alcançar todos os meus sonhos.

Fonte: Texto produzido por um estudante de Educação de Jovens e Adultos do RN.

O texto do exemplo 2 corresponde ao título? Trata-se de uma autobiografia?

Sim. Esse texto apresenta elementos de uma “apresentação de si”, ou seja, de uma autobiografia: nome, idade, altura, cor dos olhos, tamanho do pé, orientação religiosa, peso, atividades preferidas... Todavia, o texto apresenta algumas incoerências localizadas por causa do uso indevido de determinados elementos coesivos (porém, já que... logo, a qual, no entanto, assim).

Observe que, no exemplo 2, não há problemas ortográficos. É exatamente na conexão das informações que João Reinaldo “escorrega”, por isso partes do texto dele parecem não fazer sentido.



Praticando...

1

- 1.** Dada a experiência trazida na aula 2, que tratou de coesão, você seria capaz de garantir a coerência desse texto autobiográfico? Vejamos.

A essa altura, você deve estar se perguntando: que elementos contribuem para que um texto possa ser entendido como coerente?

Em primeiro lugar, é importante frisar que o sentido de um texto não está “dentro” dele, mas no diálogo que se constrói entre o leitor e o texto. Isso implica dizer que a leitura não é apenas uma atividade de decodificação, para a qual bastaria que o leitor tivesse conhecimento da língua em que o texto está escrito.



Em segundo lugar, temos de convir que o papel do leitor não é passivo. Ao contrário, a leitura pressupõe a ação do leitor na articulação de diferentes conhecimentos (prévios, textuais, contextuais, entre outros) para buscar o(s) sentido(s) presente(s) em um texto.

Esse entendimento permite a estudiosos da linguagem, tais como Koch e Elias (2006, p. 186), afirmarem que “[...] a coesão não é condição necessária nem suficiente da coerência: as marcas da coesão encontram-se no texto [...] enquanto a coerência não se encontra **no** texto, mas constrói-se a partir dele [...]”.

A coerência é, portanto, construída pelo leitor com base nos conhecimentos que ele tem e nas pistas que o texto lhe oferece.

Em assim sendo, novas perguntas surgem. Que conhecimentos são esses? Como articulá-los? Como podemos perceber as pistas de um texto?

Fatores de coerência

Intuitivamente, acionamos diferentes conhecimentos para estabelecer a coerência dos textos falados e escritos com que temos contato todos os dias. Nesta aula, apresentaremos alguns desses conhecimentos para que você se certifique de como a busca da coerência é uma luta diária de cada um de nós, para a qual usamos diferentes recursos.

Conhecimento linguístico

Ao longo de nossas vidas, desenvolvemos uma gramática “internalizada” que nos permite identificar as construções linguísticas possíveis em nossa língua materna. O mesmo acontece com uma língua estrangeira que estudamos com afinco durante anos.

Esse conhecimento, inconsciente para a maioria das pessoas, é fundamental na ativação do sentido de um texto, pois é no processamento da leitura que vamos reconhecendo as palavras, agrupando-as e, ao relacioná-las com o todo, atribuímos ao texto uma unidade de sentido. Com esse procedimento, nós construímos a coerência que no texto esperamos encontrar.

Vejamos como isso ocorre no exemplo a seguir.

Exemplo 3

O computador não é a resposta para tudo

Ouvindo-se *the majority of people talk about computers nowadays*, tem-se a impressão de que as pessoas que não fazem uso de computador não conseguem fazer mais nada. A adoração que se tem por esse instrumento é tamanha *that a lot of people are buying computers* até para enfeitar a casa. Afinal, *it is the type of thing* que está na moda e que parece *to offer the answer to all the problems of modern life*. Basta ter um computador e a mágica está feita.

É claro que *computers are extremely useful*. *In fact*, eu teria *much more difficulty to write this text if I did not have* todos os recursos que essas teclas e essa tela me proporcionam. No entanto, *people seem to forget that the computer only works if there is* um ser humano que o controle, fazendo-o agir de acordo com a vontade humana. O computador não vai resolver nada se o ser humano não ativá-lo para que realize algum procedimento.

Logo, o computador sozinho não passa de mais uma coisa para atravancar o espaço. *In fact, it is an instrument in our hands*.

(MOITA-LOPES, 1999, p. 8).

Alguns leitores possivelmente não conseguirão compreender a totalidade do texto devido a não terem conhecimento linguístico suficiente em inglês. Vejamos, porém, se esse quadro se altera se dermos a esses leitores as respectivas traduções para que eles façam os encaixes necessários no texto do exemplo 3.

- *the majority of people talk about computers nowadays*: a maioria das pessoas conversarem sobre computadores hoje em dia...
- *that a lot of people are buying computers*: que muitas pessoas estão comprando computadores...
- *it is the type of thing*: é o tipo da coisa...
- *to offer the answer to all the problems of modern life*: oferecer a resposta para todos os problemas da vida moderna...
- *computers are extremely useful*: computadores são extremamente necessários...
- *In fact*: de fato...
- *much more difficulty to write this text if I did not have*: muito mais dificuldade para escrever este texto se eu não tivesse...
- *people seem to forget that the computer only works if there is*: as pessoas parecem se esquecer de que o computador só trabalha se existir...
- *it is an instrument in our hands*: ele é um instrumento em nossas mãos.

Com o conhecimento linguístico necessário, fica fácil atribuir sentido a esse texto, não é verdade?



Conhecimento de mundo

É também ao longo de nossas experiências na vida que acumulamos conhecimentos específicos que nos ajudam a desfazer ambiguidades e a compreender determinados textos que a outras pessoas podem parecer obscuros.

De fato, há textos que, mesmo que estejam escritos em nossa língua materna, só conseguiremos compreender se tivermos conhecimento de mundo na área que ele focaliza.

Exemplo 4

A OAB desagravou o advogado Paulo Bernardes que, ao reclamar do impedimento a ele imposto de assistir ao interrogatório do réu, em causa patrocinada por um seu colega, recebeu do magistrado ordem de prisão.

O texto do exemplo 4 está escrito em nossa língua materna, mas isso não nos garante sua compreensão. Nesse caso, é imprescindível que tenhamos algum conhecimento de mundo na área da linguagem jurídica.

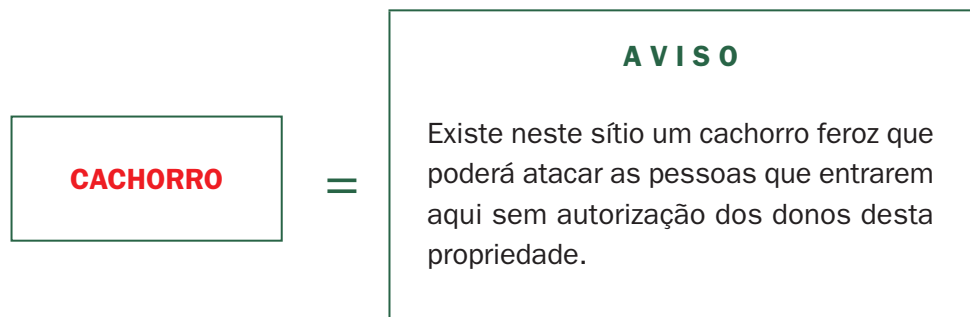
- O que é “OAB”? Ordem dos Advogados do Brasil.
- O que é “desagrar”? Na linguagem jurídica, significa desfazer um ato injusto.
- O que é “réu”? É a pessoa contra a qual se propõe uma ação judicial.
- O que é “magistrado”? É juiz.

Com essas informações, é possível compreender o que aconteceu com o advogado Paulo Bernardes e o que a OAB fez para reparar a injustiça cometida? Vejamos.

Exemplo 5

Ao nos aproximarmos da porteira de um sítio, vemos um pedaço de madeira no qual está escrita a palavra **CACHORRO** com letras maiúsculas e em cor vermelha.

Apesar de conter uma única palavra, esse pedaço de madeira tem a função social de alertar os que passam naquela área. Sem dúvida, a cor vermelha se presta bem para essa função e quanto aos elementos linguísticos, no caso, temos apenas uma palavra, mas que equivale a uma estrutura sintática completa. Observemos.



É o nosso conhecimento de mundo que nos faz construir uma estrutura sintática complexa, formada por três orações, a partir de uma placa constituída de uma única palavra.

Seria diferente o sentido da placa se a palavra fosse substituída?

CAVALOS

Kleiman (1989, p. 47-48).

Exemplo 6

Depois do tango, chegou a vez do fado. Na Arábia

Você consegue atribuir algum sentido ao texto do exemplo 6? Melhoraria se nós partilhássemos algumas informações? Vejamos.

- Esse texto é uma manchete de jornal escrito.
- Essa manchete está na seção de esportes do jornal.
- Quando essa manchete foi publicada, estava se realizando o campeonato mundial de futebol de juniores.
- Esse campeonato mundial foi na Arábia.
- Nessa etapa do campeonato, o Brasil já enfrentara a Argentina e se preparava para jogar contra Portugal.
- O tango é a música típica da Argentina.
- O fado é a música típica de Portugal.

Essas informações, que não poderiam mesmo fazer parte de uma manchete (dada a brevidade característica desse gênero), são pressupostas pelo enunciador (no caso, o jornalista que produziu a manchete) como partilhadas pelo leitor do caderno de esportes.



Praticando...

5

1. Conforme vimos no exemplo anterior, é o conhecimento partilhado que faz o leitor preencher as lacunas deixadas pela manchete lida a ponto de construir um texto completo dela decorrente. Mostre-nos como poderia ser escrito esse texto no espaço a seguir.

Inferências

Quando lemos ou ouvimos um texto, estabelecemos algumas relações de sentido entre o que foi escrito ou falado e os conhecimentos que acionamos no processo de compreensão. Essas relações de sentido são chamadas de inferências, que podem ser autorizadas (possíveis) e não-autorizadas (equivocadas).

Isso ocorre porque todo texto é uma espécie de *iceberg* (KOCH; TRAVAGLIA, 1998). A materialidade que se nos apresenta é apenas a ponta do *iceberg*. Para alcançarmos uma compreensão mais aprofundada do texto, precisamos fazer inferências. Vejamos um exemplo.

Exemplo 7

O professor de Segurança do Trabalho comprou um X-Terra 2009.

Inferências:

1. O professor de Segurança do Trabalho tem um carro possante e novo.
2. O professor de Segurança do Trabalho tem dinheiro para comprar um automóvel caro.
3. O professor de Segurança do Trabalho é rico.
4. O professor de Segurança do Trabalho é uma boa companhia para mim.

Das quatro inferências acima, podemos observar que nem todas são autorizadas. Apenas as inferências 1 e 2 parecem adequadas. A não ser que haja outras informações, além do que foi expresso no exemplo 7, não podemos aceitar a 3 e a 4 como possíveis.

As inferências podem ser formadas a partir de pressupostos e de subentendidos. No primeiro caso, o leitor/ouvinte se ancora em elementos linguísticos (em palavras usadas no texto) para fazer as correlações de sentido. No segundo, é o contexto mais geral que faz surgir a inferência. Vejamos se os exemplos esclarecem mais essa diferença.

Exemplo 8

Pressupostos

- a) José Sena agiu honestamente, apesar de ser político.
- b) A filha da cantora Madona é moreninha, mas é linda!

Observe o elemento coesivo “apesar de” na alternativa “a”. Ele traz ao período uma idéia de oposição entre “agir honestamente” e “ser político”. Qual é, portanto, a pressuposição que subjaz dessa afirmativa?

Todo político age com desonestidade. José Sena é político. Em determinada ocasião, José Sena **agiu** honestamente. Isso não significa, porém, que ele sempre age com honestidade.



Praticando...

6

1. Compreendeu como se percebe a idéia pressuposta? Vejamos, então, a alternativa “b”. O que você compreende como pressuposição entre os blocos “ser moreninha” e “ser linda”? Responda no espaço a seguir.

Exemplo 9

Subentendidos

a) – Você tem fogo?

Contexto: uma pessoa com um cigarro na mão faz essa pergunta a outra que já está fumando, a qual imediatamente acende o isqueiro e aponta-o para o cigarro da pessoa que fez a pergunta.

b) O caderno do Fernandinho é florido e sua caneta é cor-de-rosa.

Contexto: um homem faz essa afirmação na frente de outro homem sobre um colega em comum, Fernando.

c) – As encomendas chegaram?

– Os correios estão em greve.

– Melhor adiar a inauguração da loja.

Contexto: duas sócias conversando em uma loja ainda não aberta ao público.

Na alternativa “a”, compreendemos a coerência entre a pergunta da primeira pessoa e a ação da segunda, porque nos reportamos à situação de comunicação. Nesse sentido, não caberia para a pergunta “Você tem fogo?” a resposta “sim” ou “não”. O que a pessoa que perguntou esperava como resposta era a ação do interlocutor de ligar o isqueiro para acender o cigarro. E isso foi feito.

Observe, então, que nem sempre precisamos explicitar todas as informações para sermos entendidos. Além das palavras que usamos ao falar e ao escrever, o nosso interlocutor constrói o sentido de nossos textos também por meio dos subentendidos, os elementos que não estão explícitos, mas são recuperáveis.

Obviamente, uma série de mal-entendidos ocorre devido ao não-dito, ao subentendido, mas isso é outro problema. Estamos preocupados aqui em construir as pontes do “entendimento”. Vamos adiante...



Praticando...

7

1. O que está subentendido na afirmação da alternativa “b”?

Na alternativa “c”, não podemos dizer que haja uma relação explícita entre as três falas, mas compreendemos a coerência do diálogo que elas formam. Em outras palavras, construímos, por meio da situação de comunicação, as pontes necessárias para atribuir sentido a esse texto.

Fatores de contextualização

Na produção escrita, em geral, há uma necessidade maior de explicitação das informações, tendo em vista que os interlocutores não estão um diante do outro para pedir esclarecimentos. Assim, determinados elementos contextualizadores são imprescindíveis na escrita, embora possam ser dispensáveis na fala. Vejamos.

Exemplo 10

Amigo Pedro,

Hoje, o dia aqui está chuvoso. Nem vai dar para ir àquela praia que fica na cidade ao lado, perto da casa do seu amigo.

Amanhã, porém, mesmo chovendo, visitarei a casa de campo da prima do nosso vizinho de condomínio. Ele me deu o endereço dela. Fica a uns 300 quilômetros daqui. Pretendo fazer uma surpresa. Você acha que ela vai se aborrecer?

Um abraço.

João.

Obs.

Você está se lembrando de seu compromisso comigo, né? Prometeu que, na minha volta, iria me pegar no aeroporto. Vá mesmo, porque já não tenho dinheiro para táxi. Nem ônibus.

Como podemos constatar, João não usou elementos contextualizadores essenciais nessa carta: local e data. De fato, a ausência da data torna difícil supor o referente exato do “hoje” e do “amanhã”. João teria escrito essa carta no mesmo dia em que a colocou nos correios? Essa hipótese é possível, mas é APENAS uma hipótese.

Da mesma forma, faz falta saber o local onde ele está. “Aqui” só faz sentido se eu estiver na frente do meu interlocutor ou falando com ele pelo telefone ou ainda pela Internet. Nesses casos, o “aqui” é compreensível por causa do conhecimento compartilhado entre os interlocutores.

Todavia, no caso da carta de João, além de não sabermos onde é “aqui”, não sabemos onde fica a praia que ele não pôde visitar por causa da chuva. Isso porque os termos “aquela praia”, “cidade ao lado” e “perto da casa do seu amigo” não são esclarecedores. Tampouco esclarecedoras são “a prima do nosso vizinho de condomínio” (que prima? De que vizinho?) e “300 quilômetros daqui” (daqui onde?).

O pior de tudo é que João corre um grande risco de ter de voltar para casa a pé, porque não explicitou o dia e a hora em que estará de volta à sua cidade. Se for uma cidade grande com mais de um aeroporto, isso também é um sério problema.

Imagine, por exemplo, que a distância entre o aeroporto de Guarulhos e o aeroporto de Congonhas (ambos em São Paulo) representa mais de uma hora em um trajeto de carro e se não houver congestionamento. Pobre João! Voltar a pé para casa depois de umas férias, sabe-se lá onde, vai ser cansativo.



Praticando...

9

1. Como poderíamos ajudar João a ser mais explícito e, assim, oferecer mais pistas para a compreensão de seu amigo? Vamos reescrever essa carta, no espaço indicado, de forma a tornar coerente o texto de João para Pedro.



Leituras complementares

PLATÃO, Francisco; FIORIN, José Luiz. **Para entender o texto:** leitura e redação. São Paulo: Ática, 1991.

Além de uma exposição didática muito envolvente, esse livro oferece exemplos comentados de textos verbais e não-verbais dos mais diferentes gêneros e exercícios bem interessantes. Para aprimorar seus conhecimentos sobre coerência textual, sugerimos que você leia as lições 27 e 29.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO. Português ensino a distância – PEAD. Disponível em: <<http://acd.ufrj.br/~pead/>>. Acesso em: 22 jan. 2009.

Trata-se de uma iniciativa de um grupo de pesquisadores e professores de Língua Portuguesa da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Nesse site, você vai encontrar uma maior fundamentação teórica sobre a coerência e os tipos de coerência, vários exemplos e alguns exercícios.



Resumo

Na aula 3, evidenciamos, inicialmente, que a leitura não é uma atividade passiva. Ao contrário, ela requer a ativação de diferentes conhecimentos. Nesse processo, a coerência é um importante princípio de interpretabilidade dos textos verbais e não-verbais com que interagimos em nosso cotidiano. Sendo assim, devido ao valor da coerência textual e dos fatores de coerência para o engajamento do leitor, demos relevância, nesta aula, à leitura e à análise de diferentes textos, a partir dos quais propusemos atividades diversificadas. Nossa intenção foi a de estabelecer com você, caro estudante, um diálogo produtivo, cuja meta é a ampliação de suas capacidades de leitor e de produtor de textos.



Autoavaliação

1. Para termos mais evidências de sua aprendizagem acerca dos construtos trabalhados nesta aula, façamos um último exercício, adaptado de um exemplo em Marcuschi (2008, 124). Leia atentamente o texto a seguir.

Certa vez, uma família inglesa foi passar as férias na cidade de Munique, na Alemanha. No decorrer de um passeio, as pessoas da família viram uma casa de campo que lhes pareceu boa para passar as próximas férias de verão. Foram, então, falar com o proprietário da casa, que era um senhor de idade, alemão e evangélico, mais precisamente o pastor de uma das igrejas da região. Combinados o período e o valor do aluguel, a família inglesa ficou de voltar no verão seguinte.

De volta à Inglaterra, a família conversou muito animadamente acerca da casa, dos cômodos do imóvel e de como seriam boas as próximas férias. De repente, a mãe lembrou-se de não ter visto o W.C. da casa. Onde seria o W.C. daquela casa? Nenhum dos componentes da família sabia.

De acordo com o sentido prático dos ingleses, a senhora escreveu imediatamente para o proprietário da casa que pretendia alugar para perguntar-lhe esse detalhe da planta do imóvel.

Leia a carta encaminhada ao senhor alemão, que aqui aparece traduzida na nossa língua materna.

Londres, 25 de julho de 2000.

Gentil Pastor Hanz,

Sou membro da família inglesa que o visitou há poucos dias com a finalidade de alugar sua propriedade no próximo verão. Como esquecemos um detalhe muito importante, escrevo ao senhor e agradeceria se nos informasse onde se encontra o W.C. Nenhum de nós se lembrou, na oportunidade da visita, de verificar o local.

Agradeço desde já sua atenção.

Atenciosamente,

Linda McCartney

O Pastor Hanz, não compreendendo o significado da abreviatura W.C., que significa *water closet* (e, em português, banheiro), mas julgando tratar-se da capela da religião inglesa **White Chapel**, da qual a família McCartney possivelmente participaria em Londres, respondeu nos seguintes termos.

Munique, 31 de julho de 2000.

Gentil Senhora McCartney,

Tenho o prazer de comunicar-lhe que o local de seu interesse fica a 12 km da casa. É muito cômodo, sobretudo se a senhora e sua família têm o hábito de ir lá frequentemente. Nesse caso, é preferível levar comida para passar lá o dia inteiro.

Alguns vão a pé, outros de bicicleta. Há lugar para quatrocentas pessoas sentadas e cem em pé. Recomenda-se chegar cedo para arrumar logo um lugar para sentar. As crianças sentam-se ao lado dos adultos e todos cantam em coro.

Na entrada, é distribuída uma folha de papel para cada um; no entanto, quem chegar depois da distribuição pode usar o papel do vizinho. Na saída, os papéis são restituídos para serem usados durante um mês.

Todas as doações lá recolhidas são para as crianças pobres da região. Fotógrafos especiais tiram fotos para os jornais da cidade, a fim de que todos possam ver seus semelhantes no desempenho de um dever tão humano.

Espero ter oferecido todo o detalhamento de que a senhora e sua família precisam.

Aguardando-os no próximo verão, atenciosamente, subscrevo-me.

Pastor Hanz

Após a leitura das duas cartas, podemos afirmar que houve coerência entre a pergunta da senhora Linda e a resposta do Pastor Hanz? De fato, parece ter havido um engano da parte do pastor em relação ao significado de uma palavra. Qual?

Faz sentido a atribuição de sentido que o pastor fez à abreviatura mencionada na carta da senhora Linda? Retorne ao trecho anterior à carta do pastor para verificar essa informação. Em que ele se ancorou para atribuir sentido a W.C.?

Supondo a necessidade de escrever outra carta para o pastor, redija, no espaço abaixo, uma versão dessa carta em português. Procure explicitar melhor a informação que a família deseja obter. Lembre-se de que seu texto deve ter coerência inclusive na linguagem respeitosa com que se deve escrever, principalmente se o seu interlocutor é um senhor de idade, religioso e com o qual a família inglesa não tem familiaridade alguma.

A large, vertically oriented rounded rectangle with a thin green border. Inside the rectangle, there are 25 horizontal green lines spaced evenly, providing a writing area.

Blank writing area with horizontal lines.

Referências

KLEIMAN, Angela B. **Texto e leitor**: aspectos cognitivos da leitura. Campinas: Pontes, 1989.

KOCK, Ingedore Villaça; TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **A coerência textual**. 8. ed. São Paulo: Contexto, 1998.

KOCK, Ingedore Villaça; ELIAS, Vanda Maria. **Ler e compreender os sentidos do texto**. São Paulo: Contexto, 2006.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MOITA-LOPES, L. P. **Read, read, read**. São Paulo: Ática, 1999.

PLATÃO, Francisco; FIORIN, José Luiz. **Para entender o texto**: leitura e redação. São Paulo: Ática, 1991.



Ministério
da Educação

